

# Bullying

## Quando seu filho é o agressor

— Especialistas sugerem prestar atenção em sintomas como falta de empatia, arrogância, mas também solidão e dificuldade para fazer amizades

LARA CASTELO

**B**ullying vem do termo bully, que significa “valentão” em inglês. Trata-se de uma prática caracterizada por intimidações ou agressões repetitivas provocadas por um grupo ou um indivíduo contra uma ou mais pessoas, normalmente crianças e adolescentes.

De acordo com o IBGE, quase um quarto dos estudantes brasileiros diz já ter sofrido esse tipo de violência, que costuma ser psicológica, mas também pode ser física e até patrimonial. Vale destacar ainda que o bullying também pode ser praticado em ambientes virtuais – nesse caso, passa a ser chamado de cyberbullying.

Por ser uma prática frequente, as consequências do bullying costumam ser mais graves do que as de uma agressão pontual. Além disso, elas podem acompanhar a vítima por toda a sua vida.

Segundo a psicóloga Rita Calegari, do Hospital Nove de Julho, de São Paulo, a prática faz com que a pessoa se sinta indesejada e humilhada simplesmente por ser quem é. “Além de afetar o aprendizado, o bullying pode levar a problemas de autoestima, transtornos de ansiedade, depressão e até a pensamentos suicidas”, alerta.

Para a especialista, contudo, também é preciso olhar para o agressor nesse contexto. Trata-se do “valentão”, ou seja, aquele

que pratica a intimidação contra outras crianças ou adolescentes – 12% dos estudantes brasileiros fazem parte desse grupo, segundo o IBGE. “O agressor usa da sua força física, das suas palavras ou status social para se sobrepor a outros de uma forma humilhante e pejorativa”, descreve.

De fora, é difícil compreender por que uma criança ou adolescente faria isso com a outra. Segundo Rita, isso acontece principalmente a partir da repetição daquilo que o jovem vê em

**“Além de afetar o aprendizado, o bullying pode levar a problemas de autoestima, ansiedade, depressão e pensamentos suicidas”**

**Rita Calegari**  
Psicóloga

casa, ou seja, pela perpetuação de um ciclo de violência. “Em casa, muitas vezes a criança é a vítima ou espectadora de humilhações e violências. Ai, na escola, ela reproduz esse cenário no papel do agressor”, pontua.

Mas nem sempre é assim. Há casos em que a criança ou o adolescente praticante do bullying vem de famílias amorosas e gentis, segundo a especialista. “Trata-se de um desvio comportamental em que o jovem sente prazer em ver o sofrimento do outro, e nos quais é necessário acompanhamento psicológico”, analisa.

Professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em psicologia escolar, Luciene Tognetta alerta para a necessidade de identificar os agressores. A literatura especializada, segundo ela, já aponta características comuns de praticantes de bullying, como baixa empatia ao sofrimento alheio e aos sofrimentos sociais; atitudes egoístas; valorização de relações baseadas em poder, fama e dinheiro; dão pouca importância para valores como unidade, generosidade e respeito; demonstram sinais de arrogância e prepotência.

“Como se lhe faltasse empatia aos sentimentos do outro. Também dão sinais de arrogância”, enumera Luciene. Alguns, continua ela, agem até por medo de se tornarem as próximas vítimas.

Outra característica é que autores de bullying se desengajam moralmente de modo mais rápido. Culpam a vítima e se desresponsabilizam das ações sociais.

Estudo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) analisou os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, de 2015, e identificou que entre as características mais frequentes relatadas pelos autores de bullying estão solidão, insônia e não ter amigos. E a prática era mais comum entre aqueles que faltam à aula sem comunicar a família ou apanham de parentes.

O que fazer então ao descobrir que seu filho é quem prati-

ca o bullying? Conversamos com especialistas e destacamos quatro dicas.

### 1. Avalie o contexto familiar

Ao descobrir que o filho está tendo condutas violentas, é importante que os pais reflitam sobre o ambiente em que a criança ou o adolescente está inserido em busca de identificar o que pode estar gerando essas condutas.

Vale destacar que, segundo a especialista, esse gatilho não se restringe a violências físicas, mas podem ser também emocionais. “Ao estimular muito a competitividade da criança, por exemplo, os pais podem acabar potencializando condutas violentas dos filhos”, comenta Rita.

### 2. Estimule a empatia

Para evitar que o seu filho siga sendo violento na vida adulta, é importante investir em uma educação solidária, que valorize o coletivo e não só o individual, segundo Rita. “Isso pode ser feito através de condutas simples, como pedir para ele cuidar das plantas ou dos animais de estimação”, exemplifica.

### 3. Não reagir com violência

Ao descobrir que seu filho está praticando bullying, a tendência de alguns pais é castigá-lo com agressões, mas isso tende

a piorar ainda mais a situação, alerta a psicóloga. “Uma reação agressiva só vai aumentar o repertório de violências que o jovem vai reproduzir fora de casa”, justifica.

Nesse sentido, a atitude aconselhada é buscar o diálogo, ou seja, conversar com o jovem para tentar entender o que está acontecendo e ouvir o seu lado. Caso seja constatado que ele realmente está sendo violento com o colega, exponha sua reprovação, segundo Rita.

### 4. Não negar a realidade

De acordo com Benjamim Horta, criador do Programa Escola Sem Bullying, muitos pais preferem fechar os olhos em relação ao fato de que seu filho é violento e acabam usando desculpas para justificar o seu comportamento.

“Dessa forma, a violência continuará acontecendo. Para impedi-la, o primeiro passo deve ser aceitar que ela existe, para, em conjunto com a escola (quando o bullying acontecer lá), traçar estratégias para melhorar a situação”, descreve.

Para o pediatra Abelardo Bastos Pinto Jr., presidente do Departamento Científico de Saúde Escolar da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a escola tem o papel de tentar auxiliar tanto a vítima quanto o praticante do bullying, seja por meio de conversas ou através do encaminhamento para um psicoterapeuta. ● COLABOROU

EDUARDO AMARAL